



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**NÃO ME LEVE A MAL - UM ROTEIRO DE FICÇÃO DE LONGA-METRAGEM**

Maria Eduarda Rocha Bouhid

Rio de Janeiro/ RJ  
2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**NÃO ME LEVE A MAL - UM ROTEIRO DE FICÇÃO DE LONGA-METRAGEM**

Maria Eduarda Rocha Bouhid

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Capeller

Coorientador: Prof. Aurélio Aragão

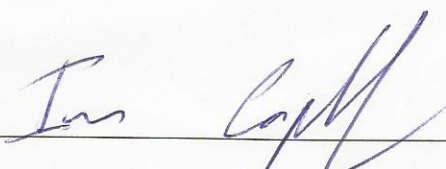
Rio de Janeiro/ RJ  
2015

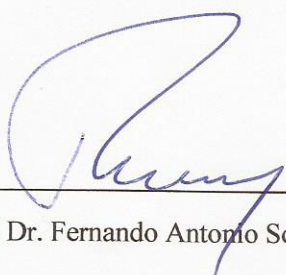
## NÃO ME LEVE A MAL - UM ROTEIRO DE FICÇÃO DE LONGA-METRAGEM

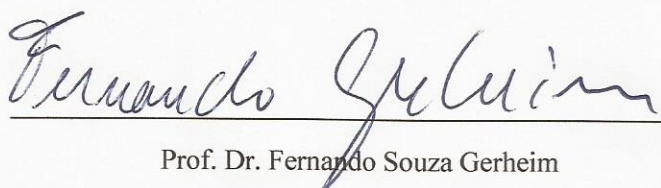
Maria Eduarda Rocha Bouhid

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

  
Prof. Dr. Ivan Capeller – Orientador

  
Prof. Dr. Fernando Antonio Soares Fragozo

  
Prof. Dr. Fernando Souza Gerheim

Aprovada em: 10/08/2015  
Grau: 10,0

Rio de Janeiro/ RJ  
2015

BOUHID, Maria Eduarda Rocha.

Não me leve a mal: Um Roteiro de Ficção de Longa-Metragem / Maria Eduarda Rocha Bouhid – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2015.

35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Radialismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2015.

Orientação: Ivan Capeller e Aurélio Aragão

1. Roteiro. 2. Carnaval. 3. Marchinhas. I. CAPELLER, Ivan II. ECO/UFRJ  
III. Radialismo IV. Não me leve a mal: Um Roteiro de Ficção de Longa-Metragem

## **DEDICATÓRIA**

Dedicado aos amigos que me acompanharam nesse e em muitos outros carnavais. Sem vocês, essa história não estaria completa.

## AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a minha família, que me ensinou que com muito amor, e um pouco de festa, é possível superar os obstáculos da vida. Foi graças a ela que eu entendi que apesar dos pesares, a vida é linda e deve ser celebrada sempre. Agradeço, principalmente, ao meu pai por ter me proporcionado uma educação de primeira, e como consequência, agora estou me formando em uma das melhores Universidades do país. Bába, obrigada por todos os puxões de orelha e por não ter me deixado desistir mesmo quando o caminho estava bastante turvo. Agradeço também a minha madrastra linda Renata, que é minha companheira, amiga, conselheira e sabe exatamente o que dizer pra me acalmar nas horas de desespero. Não posso deixar de agradecer, também, ao meu irmão por me inspirar com sua arte e me mostrar que um pouco de disciplina não faz mal a ninguém. E, é claro, agradeço a minha prima-irmã Lais, que sempre acreditou no meu potencial de contar histórias e brincar com palavras.

Agradeço, ainda, aos meus incríveis amigos que tanto me ajudaram na jornada desse semestre. Sem vocês, suas histórias, e nossas cervejas, com certeza esse projeto demoraria muito mais tempo para ser concluído. Obrigada por aguentarem meus surtos e me fazerem manter a calma quando eu mesma sequer acreditava em mim. Obrigada, especialmente, por me ouvirem falar várias e várias vezes sobre o roteiro e mesmo assim não cansarem de dar pitacos e novas ideias.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus atenciosos e pacientes orientadores Ivan Capeller e Aurélio Aragão. Muito obrigada por disponibilizarem tempo e atenção a mim e a esse projeto. Obrigada, também, por todos os ensinamentos e pela compreensão com a minha dificuldade em cumprir prazos. A cada momento, tenho mais certeza que a escolha por ambos como meus orientadores foi perfeita.

Agradeço a professora Teresa Bastos por todas orientações durante o semestre e aos professores Fernando Fragozo e Fernando Gerheim pela atenção e disponibilidade para compor minha banca.

E agradeço a todos aqueles que de alguma maneira fizeram parte da minha formação. Professores, inspetores, diretores, coordenadores, técnicos ou qualquer um que tenha me ensinado a ser uma pessoa melhor a cada dia, seja na escola, na faculdade ou na vida, meu sincero obrigada.

## **EPIÍGRAFE**

“[...] a forma carnavalesca parece muito importante como um modo alternativo para o comportamento coletivo, sobretudo porque é no carnaval que são experimentadas novas avenidas de relacionamento social que, cotidianamente, jazem adormecidas ou são concebidas como utopias. Por isso, o mundo do carnaval é, para nós, o mundo da loucura!”

Roberto DaMatta

BOUHID, Maria Eduarda Rocha. **Não me leve a mal: Um Roteiro de Ficção de Longa-Metragem**. Orientador: Ivan Capeller. Coorientador: Aurélio Aragão. Rio de Janeiro, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social / Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar as etapas de pré-produção, desenvolvimento e pós-produção do roteiro de ficção de longa-metragem “Não me leve a mal”. O projeto narra uma comédia ambientada no Carnaval do Rio de Janeiro nos dias de hoje. Construído a partir de histórias reais, vividas durante os dias de folia, combinadas com personagens e situações retratados em Marchinhas, “Não me leva a mal” é uma espécie de crônica urbana do universo jovem contemporâneo. O enredo central relata a jornada de Joaquim em seu primeiro Carnaval no Rio de Janeiro acompanhado de seu primo Zé, profundo conhecedor e amante da folia carioca. Os quatro dias de festa são não apenas o pano de fundo para o desenvolvimento da narrativa, mas, principalmente, o seu propulsor.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 - Contexto do Trabalho.....	10
1.2 - Objetivo.....	11
1.3 - Justificativa da Relevância.....	11
1.4 - Organização do Relatório.....	12
<b>2. PRÉ-PRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
2.1 - Escolha do Tema .....	13
2.2 - Pesquisa.....	14
2.3 - Público-alvo.....	16
<b>3. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>17</b>
3.1 - Processo de Desenvolvimento e Perfil dos Personagens.....	17
3.2 - Estrutura Dramática.....	20
3.3 - Processo de Desenvolvimento do Argumento e Escaleta.....	21
3.4 - Argumento.....	22
3.5 - Processo de Desenvolvimento do Roteiro.....	31
<b>4. PÓS-PRODUÇÃO.....</b>	<b>32</b>
4.1 - Refinamento dos Diálogos e Descrições.....	32
4.2 - Revisão Ortográfica.....	32
4.3 - Perspectiva de Realização.....	32
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>35</b>
Anexo A - Lista de Marchinhas.....	35

## **1 - INTRODUÇÃO**

O presente trabalho de conclusão de curso pretende relatar o processo de construção do roteiro de ficção do longa-metragem “Não me leve a mal”. O trabalho abordará desde a concepção inicial do projeto até sua efetiva escrita, passando pela cuidadosa etapa de pesquisa, essencial para o desenvolvimento do enredo. Somado a isso, também é pretendido desenvolver uma reflexão acerca de outros filmes que, de alguma forma, perpassaram pela temática principal abordada no roteiro: o Carnaval.

“Não me leve a mal” é um roteiro de comédia ambientado no Carnaval do Rio de Janeiro nos dias de hoje. A narrativa foi construída a partir de histórias reais, vividas durante os dias de folia, combinadas com personagens e situações retratados em Marchinhas clássicas. Ou seja, as Marchinhas, que nada mais são do que crônicas urbanas, ganham uma nova interpretação quando são associadas ao contexto e a acontecimentos contemporâneos.

### **1.1 - Contexto do trabalho**

A ideia originária do projeto surge em um momento em que os espaços públicos da cidade voltam gradativamente a serem ocupados pela população, principalmente durante o Carnaval. Dessa forma, tais espaços se tornam palco de diversas histórias que, beirando o absurdo, só fazem sentido quando estão contextualizadas nesse período. Foi justamente graças à compilação de diversas dessas histórias que “Não me leve a mal” surgiu.

Além da questão da reocupação dos espaços públicos, é possível perceber, atualmente, um movimento de retomada de expressões artísticas de outrora. Um dos maiores exemplos disso é a presença maçante das Marchinhas no Carnaval carioca. Seja em blocos tradicionais ou seja nos recém-criados, as Marchinhas ultrapassam gerações e são marca registrada da folia. As situações cantadas por meio das melodias simples e pequenos versos revelam-se como crônicas urbanas atemporais que, com um pouco de criatividade, podem facilmente ser aplicadas ao nosso cotidiano.

Sendo assim, o roteiro criado para esse trabalho de conclusão de curso é resultado da soma desses dois movimentos que acontecem no Rio de Janeiro: de um lado temos as praças, ruas e avenidas servindo de espaço para o povo expressar-se livremente, e do outro, temos o resgate cultural das Marchinhas, indispensável nos bailes, ranchos e blocos de antigamente.

## **1.2 - Objetivo**

Escrever um roteiro de longa-metragem de ficção que desenvolva a narrativa em torno dos encontros e desencontros de Joaquim em seu primeiro Carnaval no Rio de Janeiro. O enredo tratará da interseção de histórias reais e fictícias, além de personagens que são uma mistura dos caricatos protagonistas de Marchinhas com pessoas comuns.

## **1.3 - Justificativa da relevância**

“Não me leve a mal” trata de uma temática bastante presente em obras brasileiras: o Carnaval. No entanto, a abordagem escolhida, bem como a construção dos personagens, se difere das produções existentes. Primeiro porque trata de uma história que se passa totalmente no Carnaval, tendo seu início, meio e fim submetidos aos acontecimentos desse período. Depois, porque os personagens foram construídos a partir da apropriação e da livre interpretação de outros personagens criados para serem exaltados nesse mesmo período através das famosas Marchinhas. A soma dessas duas características torna o projeto único e relevante por apresentar uma perspectiva diferenciada sobre o universo Carnavalesco.

Diferente de outros filmes que de alguma forma citam o tema, o presente projeto depende inteiramente dos quatro dias de folia. Em longas como “A Lira do Delírio”, “Orfeu Negro” e “Quando o Carnaval Chegar”, por exemplo, a narrativa está ligada, porém não inteiramente, ao período. Em contrapartida, “Não me leve a mal” apresenta um enredo totalmente conectado e dependente do Carnaval. Ao analisar “A Lira do Delírio” essa diferença pode ser facilmente explicitada: nesse caso, o Carnaval é apenas o ponto de partida para o desenvolvimento da narrativa central, que ocorre um ano depois que os personagens se cruzam no bloco (homônimo ao título do filme) em Niterói. Dessa forma, o roteiro desenvolvido para este TCC se difere por ser um retrato ficcional do Carnaval com traços documentais, uma vez que muitas das situações foram baseadas em fatos reais. “Não me leve a mal” nada mais é do que uma história sobre viver o Carnaval atual do Rio de Janeiro.

Em relação aos personagens, a cuidadosa construção de suas características teve como inspiração as figuras cantadas nas Marchinhas. Assim, Zezé, Maria Sapatão e Chiquita Bacana, por exemplo, ganham uma nova roupagem quando são inseridos na realidade em que vivemos. Esses personagens, já conhecidos e presentes no imaginário popular, agora são retratados como pessoas com personalidade própria e agentes de suas próprias histórias. Além disso, todos esses personagens foram desenvolvidos de forma a se aproximar de pessoas reais,

deixando de lado os estereótipos recorrentemente retratados no Cinema. Essa escolha justifica-se pela necessidade de se representar pessoas comuns nos filmes, para que paradigmas sejam quebrados e padrões físicos e comportamentais deixados de lado.

Portanto, o roteiro de “Não me leve a mal” trabalha o curto, porém intenso, período do Carnaval através da perspectiva daqueles que já são parte essencial dele. O projeto contempla uma série de ideias já recorrentes, mas que unidas da forma proposta, tornam essa história única e cativante.

#### **1.4 - Organização do Relatório**

O presente relatório é organizado de forma que o processo de escrita do roteiro “Não me leve a mal” é descrito em suas diversas etapas de construção. Em um primeiro momento, será relatada a pré-produção, abordando a concepção do roteiro - escolha do tema, pesquisa e público-alvo. Em seguida, o desenvolvimento de fato do roteiro será evidenciado através da elaboração dos personagens, estrutura dramática e processo de desenvolvimento do argumento, escaleta e do próprio roteiro. Por fim, a pós-produção do roteiro será relatada através da experiência de refinamento dos diálogos e descrições, além da revisão ortográfica e perspectiva de realização.

## **2 - PRÉ-PRODUÇÃO**

A ideia de “Não me leve a mão” surgiu muito antes da aluna ingressar na Universidade, sendo, inicialmente, uma narrativa a ser construída em forma de prosa. No entanto, os conhecimentos adquiridos em seus anos na ECo a fizeram considerar a possibilidade de adaptar o projeto para um roteiro, tornando-o seu trabalho de conclusão de curso. Dessa forma, o seu efetivo desenvolvimento ocorreu durante todo o primeiro semestre de 2015. Nesse semestre, novas ideias e conceitos foram assimilados, possibilitando uma ampliação do potencial inicial idealizado.

### **2.1 - Escolha do Tema**

O Carnaval foi escolhido como tema do projeto, pois nele é experimentada uma suspensão da realidade que propicia, naturalmente, a ocorrência de situações incomuns ao cotidiano. A sensação de liberdade e fuga da realidade é extenuada a partir do momento em que o sujeito coloca sua fantasia e incorpora um personagem, deixando de lado seu papel social usual, e ocupa os espaços da cidade. Esses espaços ganham outros significados quando são tomados por foliões, e deixam de ser meras vias de locomoção para se transformarem em palco das mais diferentes histórias. Por conseguinte, essas histórias não tardam em se converter em saudosas memórias, deixando sempre a sensação de que o Carnaval é um momento mágico.

Tendo em vista as infinitas possibilidades narrativas que surgem a partir da suspensão da realidade, a escolha pelo Carnaval como ponto de partida para a história ocorreu, principalmente, pela oportunidade de inserir, de forma coerente, situações e personagens incomuns. Ou seja, nesse contexto, as ações e características de cada figura presente na narrativa são justificáveis e fazem sentido. Mesmo tendo em vista que muitas das situações descritas no roteiro foram inspiradas em histórias reais, há um quê de surreal em diversas cenas que só foram possibilitadas graças ao ambiente onde ocorreram.

Essas situações, muitas vezes sem sentido nenhum, são potencialmente cômicas. A leveza com que as pessoas se entregam aos acontecimentos durante o Carnaval, fazem com ações impensáveis durante a vida rotineira ocorram naturalmente. É nesse contexto que o surreal é visto naturalmente ao invés de julgado pelos valores da moral e dos bons costumes.

Pelo menos uma vez por ano, esses valores são deixados de lado, permitindo que os indivíduos sintam-se livres e dispostos a cometer diversas insanidades. Dessa forma, outro motivo para a escolha dessa temática foi seu potencial cômico.

Por fim, toda essa potencialidade narrativa intrínseca naturalmente ao Carnaval, soma-se a possibilidade de criar uma história que serve também como um retrato do atual universo jovem. O roteiro, escrito a partir de relatos reais de diversos acontecimentos ocorridos durante os dias de folia, nada mais é do que um reflexo da juventude carioca dos dias de hoje. Apesar de ser uma ficção e de apresentar um universo lúdico, “Não me leve a mal” é, assim como as Marchinhas, um tipo de crônica urbana contemporânea. Sendo assim, a temática escolhida para o desenvolvimento do projeto transforma o que poderia ser uma simples história de amor em uma representação de uma parcela da sociedade que facilmente consegue se reconhecer nas mais diversas situações descritas no roteiro.

## **2.2 - Pesquisa**

O projeto “Não me leve a mal” foi desenvolvido a partir de um cuidadoso trabalho de pesquisa com o intuito de aproximar a história da realidade. Apesar da narrativa se passar em um momento em que a noção de realidade é distorcida, a pesquisa foi elaborada para que as cenas ocorressem de forma verossimilhante ao período do Carnaval. Além disso, considerando que o ponto de partida para a construção dos personagens tenha sido as Marchinhas, foi necessário uma análise minuciosa das mesmas para que os papéis desempenhados no enredo fizessem sentido. A pesquisa foi concebida com o intuito de possibilitar a criação de uma trama que mesclasse o real e o imaginário.

Em um primeiro momento, foram coletadas histórias reais ocorridas durante o Carnaval. Amigos, amigos de amigos e familiares dividiram suas memórias desse período. A partir disso, foi possível perceber uma série de pontos convergentes dessas histórias que funcionaram como situações a serem trabalhadas no roteiro. Por exemplo, praticamente todas as histórias relatadas ocorreram enquanto os indivíduos não estavam sóbrios, graças ao consumo de álcool ou drogas. Portanto, seria impossível falar sobre o Carnaval sem passar por essa temática e suas consequências. Em vista disso, é possível dizer que a narrativa foi basicamente moldada pela relação dos personagens com tais entorpecentes. No entanto, por mais que tais pontos convergentes tenham sido essenciais para a construção do roteiro, algumas situações particulares relatadas tinham potencial para se tornarem cenas únicas -

Quando, por exemplo, Chica tem uma parte de seu cabelo raspado por um desconhecido, ou quando a Espanhola ingere um confete achando que é LSD e mesmo assim “sente a onda”. Essas histórias beiram o absurdo, mas foram baseadas em relatos reais. Assim sendo, a compilação dessas memórias foi de grande importância para o enriquecimento da narrativa desenvolvida no roteiro, seja graças aos seus pontos convergentes ou seja pelas situações únicas.

Em seguida, foi desenvolvida uma pesquisa pautada no espetáculo “Sassaricando – E o Rio Inventou a Marchinha”, de Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral. O espetáculo é uma compilação de cerca de 90 Marchinhas, desde as clássicas até outras menos conhecidas. A partir dessa compilação, que é facilmente encontrada na internet (apesar da aluna ter assistido ao espetáculo em 2008), 28 foram escolhidas para fazer parte do roteiro de forma explícita ou sutil. As Marchinhas serviram não só de inspiração para a concepção dos protagonistas e coadjuvantes, mas também para situações, como a batalha de confetes. A escolha das músicas que fariam parte do roteiro foi feita após a análise minuciosa de suas letras e a possibilidade de conexão entre si. A lista das Marchinhas utilizadas está disponível no Anexo A.

Em um último momento, diversos filmes com temática ou formato análogos ao idealizado para o projeto foram especialmente analisados. Conforme citado anteriormente, “Quando o Carnaval Chegar” (1972, Cacá Diegues), “A Lira do Delírio” (1978, Walter Lima Jr.) e “Orfeu Negro” (1959, Marcel Camus) falam de certa forma sobre o Carnaval, mas não dizem respeito inteiramente a esse universo. Já “Edu Coração de Ouro” (1968, Domingos de Oliveira) e “Todas as Mulheres do Mundo” (1966, Domingos de Oliveira) foram analisados em suas questões formais e construção de personagens. Dessa forma, ao assisti-los foi possível entender o tipo de abordagem adequado para transformar “Não me leve a mal” em um relato sobre o Carnaval, feito durante o Carnaval, com personagens do Carnaval.

Essas três etapas de pesquisa aconteceram durante todo o semestre e, em diversos momentos, de forma concomitante. Todavia, os conhecimentos adquiridos não só durante toda a graduação da aluna, mas também em ambientes culturais e, obviamente, no próprio Carnaval, foram indispensáveis para a concepção desse projeto. Portanto, pode-se dizer que a pesquisa para o desenvolvimento de “Não me leve a mal” ultrapassa, de certa forma, os meses de efetiva elaboração do projeto.

### **2.3 - Público-alvo**

O projeto “Não me leve a mal” é voltado para o público jovem. O roteiro foi concebido de forma que a linguagem coloquial presente nos diálogos, assim como a personalidades e as ações dos personagens, se aproximem aos jovens de hoje. Além disso, as situações descritas em todo o enredo fazem parte do universo desses jovens, principalmente, dos amantes do Carnaval carioca.

No entanto, por tratar de um tema que ultrapassa gerações e somado ao fato das Marchinhas serem tão presentes na história, é possível que o público-alvo se amplie. Levando em consideração que adultos e idosos sentem, muitas vezes, certo saudosismo dos tempos de juventude, “Não me leve a mal” tem potencialidade para atingir um público que independe da idade, e sim, de sua conexão com o Carnaval.



### 3. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do projeto ocorreu em diferentes etapas de forma subsequente. Em um primeiro momento os personagens foram criados a partir da designação de uma Marchinha para as figuras principais. Depois houve a expansão de suas personalidades através da incorporação de características próprias, possibilitando o entendimento de quais seriam suas reações perante as situações propostas pela narrativa. Em seguida, foram selecionadas algumas das histórias reais coletadas no período de pesquisa, assim como foi feita a escolha das Marchinhas que se desdobrariam no enredo. Então, outras circunstâncias foram concebidas com o intuito de interligar todos os pontos e tornar o roteiro coeso. Em sequência, a narrativa foi desenvolvida em forma de prosa, dividindo cada dia do Carnaval em pequenas crônicas. A partir disso, a escaleta foi criada e por fim, o roteiro.

#### 3.1 - Processo de Desenvolvimento e Perfil dos Personagens

Os personagens principais de “Não me leve a mal” foram pensados para se aproximarem de pessoas reais, deixando de lado os estereótipos ainda fortemente presentes do Cinema. Cada um deles apresenta características ambíguas e complexas, assim como indivíduos reais, e muitas de suas ações são reflexos inconscientes de suas personalidades. Por exemplo, Chica não é aquela mocinha exemplar que segue as regras tipicamente associadas aos padrões femininos. Ela bebe, fuma, beija quem quiser e não ta nem aí pro que os outros pensam. Ao mesmo tempo, tem um lado romântico e se preocupa bastante com sua aparência. Outro exemplo é Zé, que gosta de beijar pessoas independente do sexo, mas, não foi desenvolvido como um estereótipo gay, pelo contrário, apresenta muitas vezes características bem masculinas.

A seguir, estão descritos os perfis de cada um dos 4 personagens principais. Seu processo de construção foi bastante cuidadoso com o intuito de torná-los plausíveis e o mais próximo possível de pessoas reais, conforme explicitado anteriormente.

*JOAQUIM* – Baseado na Marchinha “Não Sou Manoel”, de Wilson Batista e Roberto Martins, o protagonista da história é um inseguro playboy da Zona Sul que nunca passou o Carnaval no Rio. Tem 24 anos, estudou em colégio de freira e acabou de se formar em Direito em uma faculdade particular. Foi criado a base de leite com pêra, um pouco mimado pela família, mas nunca foi um playboy coxinha. Mesmo sendo filho único e tendo tudo o que quis

com certa facilidade, entende o valor das coisas e tirar onda não é muito sua praia. É carioca e mora no Arpoador, ainda com os pais. Seus amigos são os mesmos desde a escola, todos com um estilo de vida parecido – praia, night, vodka com redbull e mulheres lindas com cabelo, unha e corpo perfeito. Todo carnaval eles viajam, vão pra Búzios ou Angra e no último foram pra Salvador. Faz um tempinho que Joaquim não tem se identificado com esses amigos, tem achado os papos chatos, as ideias idiotas e, principalmente, a forma de pensar completamente surreal. É por isso que resolveu passar esse Carnaval no Rio com uma pessoa completamente diferente e que, nesse momento, faz muito mais sentido: seu primo Zé. Joaquim é um cara que poderia ser marrento, babaca e completamente vazio, mas não é. Encontra-se justamente num momento de crise de identidade - não se identifica com seus amigos e não quer ser como eles. Sua timidez o faz muitas vezes agir de forma sem jeito ou sem noção, mas sempre se arrepende e tenta de alguma forma corrigir o que fez. Tem um coração enorme e se apaixona facilmente, muitas vezes não entende as relações fugazes de hoje como as que geralmente ocorrem no Carnaval. Acredita que durante os dias de folia pode conhecer pessoas muito mais interessantes que despertem um lado mais legal de si.

*ZÉ* – Inspirado em “Cabeleira do Zezé”, de Roberto Faissal e João Roberto Kelly, o primo e fiel escudeiro de Joaquim tem 26 anos, é Chef e mora sozinho em uma simpática casa em Santa Teresa. Zé é uma daquelas pessoas que não importa o que aconteça, mantém uma alegria insana de viver. É daqueles que é bem-vindo em qualquer lugar. Sempre prestativo e cuidadoso, cultiva amizades por onde passa. Outra característica marcante de Zé é sua boa aparência, mesmo não se cuidando muito, chama atenção por onde passa. Tem um visual um pouco andrógono e seu jeito faz com que todos fiquem em dúvida sobre sua orientação sexual. Na verdade, ele prefere dizer que gosta de pessoas – não se importa se é mulher ou homem desde que desperte algum interesse. Zé gosta de espalhar amor por aí e acredita que beijar/transar é uma ótima forma de fazer isso. Tanto sua aparência quanto sua energia vibrante tornam praticamente nula sua necessidade de se esforçar para encontrar pretendentes. Zé conhece bem o carnaval do Rio e prefere os blocos do centro, onde sente que se quiser ficar nu não vai ter problema nenhum. Suas fantasias são basicamente pedaços de tecidos amarrados na cintura e purpurina em todo o corpo, diz ele que é pra facilitar o xixi e evitar o calor, mas Joaquim acha que é só pra valorizar o tanquinho.

*CHICA* – Baseada em “Chiquita Bacana”, de Braguinha, Francisca, 25 anos, é formada em Jornalismo e trabalha com assessoria de imprensa. Nasceu no interior e se mudou para o Rio quando passou para a faculdade. Nunca gostou do marasmo de sua cidade e sempre quis sair de lá. Ama morar no Rio, se identifica totalmente com o caos da capital e mora com sua melhor amiga, Malu, na Glória. As amigas acham que o carnaval é a melhor época do ano. Não é exagero afirmar que se preparam o ano inteiro para a festa. Compram tecidos e cacarecos pra fazer suas próprias fantasias e adoram quando fazem sucesso nos blocos. Por elas, a festa duraria mais uns cinco dias mesmo que apenas comam e durmam em casos extremo. Chica é extremamente inteligente e culta, mas sua memória, principalmente, em relação a pessoas, volta e meia a deixa na mão. Tem um gênio forte, com fortes tendências feministas, e não sabe ser contrariada. Acha que sempre está certa e acredita ser muito racional, mas na verdade, suas ações são muito mais passionais do que ela gostaria. Sem perceber, acaba colocando o coração em primeiro lugar. Tende a sempre acreditar nos outros e poucas vezes se engana em relação as pessoas, o que a faz ficar extremamente chateada quando suas expectativas são contrariadas.

*MALU* – Baseada em “Maria Sapatão”, de Chacrinha, Maria Luiza, 25 anos, é publicitária e extremamente criativa e espontânea. Malu é muito bonita e nunca ligou muito pra se cuidar. Sua mãe a obrigou a participar de vários concursos de beleza quando era criança. O problema é que ela odiava aquele universo exagerado demais para seus padrões e tocava o terror quando subia ao palco. Várias vezes a menina teve que ser tirada as pressas do palco do concurso enquanto a plateia chorava de rir com sua performance. Com o tempo, Malu foi desenvolvendo seu estilo próprio, muitas vezes radicalizando pra irritar sua mãe. Seu último corte de cabelo, joãozinho, quase matou a velha do coração. Malu acabou de terminar um namoro de anos e o ex deu uma leve surtada, apesar de ter um bom coração, João Pedro não tem sabido lidar com a separação. Graças a isso, ela decidiu que a melhor forma de evitá-lo seria se fantasiando o máximo possível, até o ponto de ficar irreconhecível. Chica e Malu sempre escolheram e montaram suas fantasias em conjunto e esse ano não poderia ser diferente, dessa vez elas elaboraram diversas fantasias de casal, sendo Malu o homem da relação. Malu é muito bem resolvida consigo mesma, sabe o que quer e não se deixa abalar por qualquer coisa. Ela acredita que uma dose de uma bebidinha pode facilmente resolver as coisas. Malu é praticamente uma sommelier de bebidas de procedência duvidosa e usa dos seus dotes pra se divertir em qualquer lugar.

### 3.2 - Estrutura Dramática

O roteiro foi estruturado de forma a abranger os 4 dias de Carnaval, tendo uma breve introdução na sexta-feira. Essa introdução, que consiste em uma curta cena, serve tanto como ponto de partida para a história, quanto como uma forma de contextualizar o ambiente e as pessoas que farão parte do enredo. Desde o começo, a narrativa ocorre de forma linear, de maneira que uma ação apresenta consequência, direta ou indireta, na seguinte.

A narrativa foi desenvolvida a partir do ponto de vista do protagonista, Joaquim. O roteiro trata sobre a sua transformação de outsider do Carnaval até o ponto em que se sente inteiramente a vontade no ambiente. Guiado por seu primo, Zé, ele aprende gradativamente a relaxar e se entregar aos momentos. Como a história é justamente sobre essa gradativa transformação, as cenas foram montadas cronologicamente, para que as mudanças pudessem ser facilmente assimiladas. Como exemplo da evolução de Joaquim, temos a mudança de sua forma de se vestir a cada dia – enquanto no primeiro dia ele sequer está usando fantasia, no último, chega ao ponto que nem tem um tema claro, mostrando que o importante é apenas se travestir de algo completamente diferente de sua realidade.

Além dessa transformação do protagonista, a narrativa é impulsionada pela sua procura por Chica. A menina, que o impressionou ao roubar um beijo no baile de sexta, faz com que Joaquim de alguma forma se envolva, mesmo sem saber nenhuma informação, com ela. É graças a essa procura que muitas vezes suas ações se desdobram em quiprocós, possibilitando a inserção de comicidade ao enredo. A importância de Chica na narrativa é tal que parte do seu Carnaval também é relatado, mesmo quando não diz respeito imediato a Joaquim.

No entanto, apesar dessa linearidade na narrativa, o roteiro conta com diversas cenas que servem como complemento a história, mas não necessariamente tem impacto na jornada central do protagonista. Assim como as Marchinhas são crônicas urbanas, algumas das cenas servem como ampliação dessas crônicas. Ou seja, há determinadas situações que poderiam facilmente ser mudadas de lugar sem interferir na história principal. Esse dispositivo pode ser observado no filme “Edu, Coração de Ouro”, por exemplo. Nele, não há uma narrativa clássica com começo, meio, clímax e fim, apenas há a retratação de dois dias típicos de Edu, que não faz nada da vida. O longa-metragem é permeado por cartelas que apresentam o que irá acontecer na história. Inclusive, uma delas já ao final, faz alusão ao fato de que o que vai acontecer a seguir poderia muito bem ter acontecido no começo do filme. Como não há uma

linha narrativa a seguir, e uma ação de Edu pouco ou nada interfere na seguinte, não importa em que ordem elas acontecem.

Dessa forma, é possível entender que a estrutura do roteiro é construída tanto pela história central de Joaquim, sua transformação e a procura por Chica, quanto por situações paralelas que não dizem respeito a essa linha fundamental. Tal escolha é justificada pelo fato do roteiro ter a premissa de retratar o Carnaval como ele é e, portanto, propor situações atípicas e simultâneas torna-se indispensável. Os dias de festa nada mais são do que um universo caótico de possibilidades, onde muitas e muitas histórias são construídas ao mesmo tempo e a todo momento.

### **3.3 - Processo de Desenvolvimento do Argumento e Escaleta**

Conforme citado anteriormente, o argumento foi desenvolvido em forma de pequenas crônicas sobre cada dia do Carnaval. Tal separação foi feita para que os dias tivessem aproximadamente a mesma quantidade de situações, apresentando um começo, pautado pelo movimento de locomoção em direção aos blocos, e um fim, não tão rigorosos quanto começo, mas que indica de certa forma o fim das ações daquele dia. Apenas a cena final do roteiro não segue essa lógica de encerramento, pois indica justamente a apoteose do protagonista, exaltando sua transformação oficial em um sujeito com real espírito carnavalesco que nunca quer que a festa acabe.

Em um primeiro momento, apenas as ações que geravam algum tipo de consequência clara na cena subsequente foram pensadas. Assim, a história apresenta uma narrativa clássica com começo, meio e fim que acontece conforme a passagem gradual do tempo. Depois, os casos paralelos foram somados ao enredo. Tais acontecimentos foram distribuídos por toda a extensão da história, de forma que as ações centrais e as paralelas se intercalassem. Como resultado dessa escolha, a trajetória de Joaquim pelo Carnaval adquiriu um tom leve e descontraído, em que ora ele corre atrás do seu objetivo de encontrar Chica, ora ele interage com pessoas que nada tem a ver com isso.

Nessa etapa, também, foram desenvolvidos os novos personagens que se somariam a história como, por exemplo, a Espanhola, que cruza com os personagens principais durante todo o Carnaval, mas sequer sabemos seu nome. Baseada na ideia da personagem Martinha Maconha, de “Todas as Mulheres do Mundo” (1966, Domingos de Oliveira), a Espanhola foi pensada como uma daquelas figuras onipresentes e fugazes típicas dos blocos. Diferente de Martinha Maconha, que é citada em todo o filme, mas, nunca aparece, a Espanhola faz o

caminho aposto, sempre aparece mesmo não sendo procurada. A questão é sua presença durante todo o roteiro, ora sendo sutil, ora sendo parte do enredo central.

Por fim, após o desenvolvimento da história por meio das crônicas diárias, a Escaleta foi produzida. Esse processo consistiu primeiramente na separação dos movimentos dos personagens em cenas. Em seguida, as cenas foram divididas em ações menores e suas consequências. Dessa forma, a construção do roteiro foi facilitada, pois basicamente consistiu na inserção de diálogos e do cabeçalho em cada cena.

### 3.4 - Argumento

*Sexta: Introdução – O Baile de carnaval*

Fantasia: Joaquim – Não está fantasiado, veste uma calça jeans e uma blusa qualquer  
 Zé – Saia branca, turbante, guias e purpurinas  
 Chica – Oncinha  
 Malu – Caçador

Em um baile de Carnaval, pessoas dançam em êxtase, todas estampam grandes sorrisos no rosto. Confetes e serpentinas são jogados por todo salão, em meio a uma atmosfera onírica. Chica e Malu dançam e cantam, muito animadas, olhando uma pra outra. Joaquim está apoiado no bar esperando uma cerveja, admira toda a euforia ao seu entorno. Parece um pouco deslocado, mas acha aquele lugar particularmente interessante. Zé dança em sua direção, fazendo uma coreografia esdrúxula e os dois vão para a pista dançando sem ritmo ou coordenação. Joaquim, que estava tímido no começo do percurso, se solta um pouquinho. Sem se dar muita conta, começa a dançar no meio de uma rodinha de pessoas que se divertem com sua forma sem jeito e tímida de dançar. Joaquim fica com vergonha quando percebe onde se meteu e puxa ZÉ pro meio da roda ao mesmo tempo que sai de fininho. Em meio a essa manobra, esbarra em Chica. Os dois se olham e não se importam com o empurra-empurra. Riem um pro outro. Joaquim beija a mão de Chica. Ela o puxa pra perto e rouba um beijo. Os dois se entregam totalmente ao momento e não parecem querer que acabe logo. Malu puxa Chica. O casal olha sem entender pra Malu - como sua impecável fantasia de caçador camufla seu gênero, temos a impressão que Malu vai partir pra cima de Joaquim, como faria um namorado ciumento. Zé chega gritando e puxando Joaquim. O caos está instaurado no Salão, a polícia está no lugar. A confusão não tinha nada a ver com Joaquim e Chica. Zé e Joaquim

saem correndo por um lado. Chica e Malu por outro. Eles não conseguem nem se despedir, nem se apresentar.

\*A cena toda ocorre sem diálogos, com trilha sonora incidental que na hora da confusão é substituída por sons de confusão e gritaria.

*Sábado: O dilema do primeiro dia - Queimar ou não a largada?*

Fantasia: Joaquim – Bermuda, chinelo e um chapéu de cerveja na cabeça.

Zé – Tecido de veludo amarrado na cintura como uma saia e purpurina pelo corpo.

Chica – Odalisca

Malu – Sheik Árabe

É sábado, mas não cedo o suficiente pra ir pro Céu na Terra. Zé já está fantasiado e pronto pra sair. Joaquim, por outro lado, ainda está apagado. Zé entra calmamente no quarto, abre a janela e com muita delicadeza joga purpurinas por todo o rosto de Joaquim. Joaquim começa a se incomodar com as purpurinas. Primeiro coça o nariz, depois o olho e, por fim, desperta. Ainda no quarto, os dois conversam sobre o que vão fazer no dia. Saem de casa e no meio do caminho param em um camelô onde Joaquim compra um daqueles chapéus em formato de cerveja. Enquanto caminham pro bloco, conversam sobre a menina misteriosa do dia anterior. Eles sobem uma ladeira e se deparam com uma multidão. Estão atrás do bloco e mal conseguem ouvir a música. Chica e Malu estão no mesmo bloco, do lado da bateria. O encontro entre os 4 parece impossível.

Malu diz que precisa fazer xixi e Chica decide acompanhá-la. Elas saem do bloco, vão até o banheiro químico, que está muito cheio, e decidem ir em uma ruazinha mais escondida. Malu faz xixi e Chica, mesmo estando sem vontade, decide fazer também só pra garantir. Assim que Chica começa, um sujeito surge dizendo que é policial e irá multá-la. As, não acreditam no que ele diz e fazem piada com o cara. Ele, puto da vida, mostra o distintivo enquanto um outro aparece para confirmar a história. No fim das contas, o cara é realmente policial e precisa do CPF de Chica para mandar a multa. Ela fica tensa o tempo todo enquanto Malu, se contendo para não cair na gargalhada, tenta inventar desculpas para contornar a situação. Chica é multada, fica ranzinza por um tempo e Malu consegue melhorar o humor da amiga oferecendo doses de uma bebida suspeita.

Zé e Joaquim tentam chegar mais perto da música e passam por aquele clássico perrengue que muita gente por metro quadrado provoca. Empurram um daqui, empurram um de lá e esbarram num cara muito grande e carrancudo fantasiado de Carmem Miranda.

Joaquim, apreensivo pelo tamanho do cara, prefere seguir em frente enquanto Zé gargalha e reconhece o brutamonte. Outros 4 homens igualmente gigantes, também fantasiados de Carmem Miranda e segurando uma plaquinha escrita “Yes, nós temos bananas”, chegam para cumprimentar Zé. O grupo decide chegar mais perto da música. Graças ao tamanho de cada um deles é fácil chegar no cordão que contorna a bateria. Enfim chegam lá e os grandões se dispersam. Só tem um problema: está muito calor e desde que chegaram no bloco, Zé e Joaquim ainda não beberam nada. Valeria a pena passar por todo o perrengue de novo atrás de uma cerveja?

Eles tentam comprar encontrar cerveja por todos os lados e nada. Eis que duas meninas, ironicamente fantasiadas de anjinho, surgem vendendo sacolé. Eles têm certeza que naquilo não tem álcool, mas o gostinho bom os convence a praticamente acabar com o isopor das meninas. A partir desse momento ele começam a curtir a folia.

Imagens aleatórios do bloco. Uma espanhola muito louca em cima de um muro. Passagem de tempo.

Já no fim da tarde, Joaquim está completamente bêbado e enjoado – acostumado com vodka e Red Bull, essas coisas sem procedência o deixaram mal. Zé está muito animado, mas é impossível saber se é pela bebida ou sua animação natural. Os dois já estão fora do bloco procurando alguma coisa pra fazer. Joaquim só consegue pensar no quanto ele precisar reviver sua técnica da adolescência: a Fênix. Procura uma rua um pouco mais vazia e um cantinho pra ficar a vontade. A missão é um pouco difícil já que as coisas a sua frente, que deveriam ser imóveis, não param de se mexer. Se apóia em uma parede e mete o dedo na garganta. A fênix voltou! Depois de algumas golfadas de um líquido fluorescente, Joaquim se sente um pouco melhor e, ao olhar pro lado, vê uma menina sentada não muito longe na mesma situação. É a Oncinha do dia anterior.

Malu segura o cabelo de Chica que não para de passar mal e pede água. Malu não sabe se continua ajudando a amiga ou vai comprar uma garrafinha. Decide pedir ajuda aos meninos que olham pra cena sem saber o que fazer. Ela tem impressão de conhecê-los de algum lugar, mas não faz ideia de onde. Pede para que algum deles compre a bendita água e Zé sai correndo em busca de alguém com isopor. Joaquim, ainda meio zozinho, não consegue entender muito bem o que tá acontecendo: como aquele cara barbudo segurando o cabelo da ex-Oncinha tem voz de mulher? Ele queria muito que não estivesse tão bêbado pra poder ter uma conversa decente sobre a noite anterior, mas só consegue chegar perto das meninas e, tentando puxar um assunto, joga um comentário sem noção. Malu só não dá um tapa nele porque Zé chega bem na hora com a água. Chica reage imediatamente vomitando nos seus



pés. Malu agradece a ajuda de Zé e pede que ele tire o amigo sem noção de perto. Zé sem entender, mas sabendo o quão sem jeito seu primo pode ser, o tira de lá.

Os dois decidem dar o dia por encerrado pra poder acordar cedo de verdade na manhã seguinte. Chegam no ponto de ônibus e tem um doidão dormindo sentado. Zé cantarola Turma do Funil baixinho pra si mesmo. Passa uma van, daquelas ilegais, lotada de foliões. O motorista diz irônico: “Ainda cabem 8 em pé”. Os primos entram no veículo que mais parece e vão embora.

*Domingo: As situações peculiares dignas do Boi Tolo*

Fantasia: Joaquim – Fadinha (asinhas e anteninhas)

Zé – Tecido de chita amarrado na cintura como uma saia e purpurina pelo corpo.

Chica – Idosa

Malu – Idoso

Zé e Joaquim estão em uma ruazinha do centro. Joaquim pede um gole da água que Zé está carregando. Zé sorri e diz: - boa sorte. Joaquim bebe a água e faz uma careta, diz que está horrorosa, amarga. Zé se diverte com a situação, mas não fala nada, só oferece um chiclete pro primo e o aconselha: - Você vai precisar.

Zé e Joaquim chegam no bloco. Passagem de tempo com os dois ficando gradativamente muito animados. Vemos figuras típicas do carnaval como o Dança Esquisito, o Lambe-lambe e o Surfista. Os primos mascam chiclete freneticamente e dançam embalados pela música acelerada. Estão na praça Tiradentes. Uma menina fantasiada de espanhola aparece sozinha e pergunta se eles poderiam compartilhar um pouco daquela alegria com ela. Joaquim não entende muito bem. Zé e a espanhola conversam por um tempo e Joaquim decide não prestar atenção, se afasta sem muito rumo. Um pouco de longe, vê a menina indo comprar uma cerveja e Zé se abaixando, pegando um confete do chão e o cortando. A espanhola volta. Zé dá o pedaço de confete para ela, que o coloca embaixo da língua e vai embora. Joaquim assiste a cena de longe e é tirado do transe quando sua cara é atingida em cheio por um punhado de confetes.

É uma batalha de confetes. Vários doidões jogam confetes e serpentinas uns nos outros. Joaquim entra, mesmo que sem querer na guerra, se diverte, ri muito. Zé aparece ao seu lado na mesma situação. Aquele parece ser o melhor lugar do mundo. Todo mundo gargalha. Malu e Chica estão na batalha também, mas longe dos meninos. Ninguém se vê. A batalha acaba quando o bloco começa a andar de novo, todo mundo vai atrás. Zé e Joaquim seguem a multidão.

Malu e Chica tentam se recompor mas não conseguem parar de rir. De repente, encontram o ex de Malu, João Pedro. Malu está completamente irreconhecível com sua fantasia. Chica fala com ele, explica que Malu está viajando e aquele “cara” do seu lado é um primo de Londres que não fala uma palavra de português. Chica se esforça pra não rir, para que sua mentira não vá por água a baixo. Malu, menos consciente que Chica, está completamente louca e, com um olhar assustadoramente vidrado, se concentrada em mexer em umas purpurinas. Chica, pra fugir daquela situação, finge que vê uma conhecida e puxa Malu pra longe dali. No caminho comenta: - Tem certeza que foi só um quartinho, Maria Luiza? Malu ri muito e nega com a cabeça. Elas abraçam uma menina que nunca tinham visto na vida, a mesma Espanhola que mais cedo falou com Zé e Joaquim. A menina não entende nada, mas entra na brincadeira. As três saem andando. Chica explica resumidamente pra espanhola o que aconteceu, a garota está tão louca quanto Malu. Chica decide que também quer entrar na vibe, abre pochete / doleira, tira um pedacinho de papel e bota na boca.

O bloco vai chegando no jardim do MAM. As meninas, numa espécie de marcha atlética, atravessam as ruas do aterro. O bloco pára embaixo do museu. Zé está dando uns pega numa menina fantasiada de Eva. Joaquim, sem graça, vai comprar uma cerveja e vê uma menina, agachada em um dos canteiros, fitando fixamente uma flor. Ela está vestindo um macacão e várias flores pelo cabelo e roupa.

Joaquim pára do lado dela, ela tenta regar a planta mas seu regador já está vazio. Ela parece um pouco triste. Joaquim entra na onda da menina e também olha fixamente a flor. De repente, várias pessoas param em um semi-círculo pra ver o que está acontecendo. Ninguém entende. Está todo mundo louco e nada faz sentido. Um grupo fantasiado de carrinho de bate-bate passa rodando e batendo uns nos outros. Pisam, esmagam, estraçalham a flor. Todos levam um susto. Joaquim olha pra Jardineira, acredita que ela vai se desesperar, mas simplesmente a menina levanta e vai embora. Ele vai atrás, quando de repente, olha pra uma árvore e vê Malu, Chica e a Espanhola conversando. Na verdade, Chica e a espanhola estão conversando bem próximas, com mãozinha no rosto uma da outra, parece que tem coisa ali.

Joaquim resgata Zé e pede pro primo ajudar a analisar a situação. Joaquim tenta pensar numa forma de falar com as meninas. Chica e a Espanhola vão chegando cada vez mais perto uma da outra. Zé instiga Joaquim a falar com elas. As meninas começam a se beijar. Nesse momento, Joaquim já está muito perto do grupo delas, fica extremamente confuso e decide entrar no meio do beijo, no susto, sem mais nem menos. Chica fica revoltada, só consegue pensar o quão sem noção é aquele cara, que desde o dia anterior só dá bola fora. Ela não o reconhece do baile de sexta. Tudo vira uma grande confusão, Zé tenta entrar no meio pra

apaziguar, Malu que estava comendo um salsichão, entra no bolo doido também. Só a Espanhola que acha a situação hilária. Inclusive, agradece pelo “presente” que Zé deu mais cedo pra ela, diz que está muuuito lookaa / mó viiibe. Joaquim pede mil desculpas, fica muito sem graça, não sabe o que fazer. Elas só querem voltar pro bloco e deixar aqueles garotos pra trás.

Joaquim, mesmo decepcionado pela situação que acabou de acontecer e triste por ser taxado de babaca, decide não se dar por vencido. Zé o anima e os dois decidem espalhar amor por aí. Zé não precisa fazer muito esforço, em pouco tempo começa a ficar com um menino fantasiado de diabo (sem o rabo). O menino apresenta uma balzaquiana de respeito pra Joaquim e os dois ficam. Após uma interrupção nada delicada de sua filha escandalosa, ela se afasta, diz que chama Zazá, vai ali e volta já. Nunca voltou. Joaquim senta em um canteiro e apenas observa a loucura a sua volta.

*Segunda: Morena eu te dou grau dez.*

Fantasia: Joaquim – Palhaço

Zé – Tecido de lycra fluorescente amarrado na cintura e purpurina pelo corpo.

Chica – Sereia

Malu – Pirata

Joaquim e Zé estão em um vagão do metrô. Zé já está mais animado do que deveria. Joaquim desce na estação e Zé, de brincadeira, finge que vai ficar no vagão. Zé perde a noção e a porta fecha. Joaquim se desespera, bate na porta com força, fica revoltado com a brincadeira e nessa, seu nariz cai nos trilhos. Joaquim fica muito puto por ter perdido seu valioso nariz justamente no dia em que decide se fantasiar direito e, principalmente, por não fazer ideia de como vai achar seu primo – os dois estão sem celular. Joaquim fica um tempo na estação esperando por Zé e nada. Decide que é um homem independente e confiante e vai pro bloco sozinho mesmo. Provavelmente, Zé estará por lá.

Joaquim tenta comprar um nariz novo. De alguma forma absurda, nenhum vendedor tem. Joaquim vê Chica de longe. Ele desiste de comprar o nariz e segue o fluxo de pessoas em direção ao bloco. No caminho, vê um grupo de 5 pessoas vestidas exatamente igual a ele. Os 5 palhaços estão enfileirados um do lado do outro e formam uma espécie de júri. Cada hora que uma mulher passa, eles levantam uma plaquinha com uma pontuação. Joaquim vê que Chica está andando em direção aos palhaços. Ele corre até lá, se enfia no meio dos outros garotos, que o recebem com um sorriso amistoso, pega uma plaquinha e assim que Chica passa: NOTA 10!

Chica não acredita no que vê, “Você não cansa de ser babaca, né?”. Joaquim só consegue responder que está completamente apaixonado. Ele canta *Bandeira Branca*. Ela, mesmo contrariada, esboça um sorriso. Ele tenta pedir desculpa mais uma vez, tenta se mostrar um cara legal. Chica oscila entre acreditar e não naquele papinho. Joaquim finaliza perguntando: - Me diz pelo menos seu nome? Ela responde “Aurora” e vai embora.

Depois que Chica vai embora, Joaquim decide continuar na brincadeira. Pelo menos ali, ele não estaria sozinho. A cada pessoa que passa, os palhaços dão uma nota. Passam loiras, morenas, crioulas, altas, baixas, com fantasia ou não. Ninguém passa despercebido. Algumas riem, outras acham ridículo, mas os palhaços se divertem. Joaquim dá nota 10 pra todas que passam. Passa a Espanhola mandando beijinho pra eles. Joaquim acena, deixa a plaquinha de lado e anda até ela, que não o reconhece de imediato. Eles conversam e caminham para o bloco. Chegando lá, a Espanhola se enfia no meio das pessoas e de perde de Joaquim.

Sozinho novamente e no meio do bloco, ele vê uma galera segurando uma banheira branca no alto da multidão. Cada hora uma pessoa aleatória sobe na banheira e dança enquanto os foliões vão a loucura. É um movimento intenso de sobe e desce da banheira e cada hora uma pessoa nova aparece no alto. A banheira abaixa, novamente, e quando sobe, Joaquim está nela. Assim que consegue se equilibrar lá em cima a música para. Perfeito. Ele aproveita a deixa e grita: - Zééé!! E a galera toda engrossa o coro: - Zééé!!

Assim que Joaquim desce da banheira, um sujeito pula em suas costas, enfim Zé apareceu. Os dois ficam muito animados, se abraçam e pulam juntos. Zé pega uma coisa em seu bolso e entrega pra Joaquim: É um nariz de palhaço! Ele se emociona, quase chora, abraça apertado o primo.

Joaquim e Zé sentam em um banco para descansar um pouco e conversar. Um menino fantasiado de padre passa vendendo cigarro de tabaco natural de vários tipos, inclusive aquele do capeta. Zé sugere ajudar o Padre a apertar novos cigarrinhos em troca de um beck, o Padre aceita. Joaquim entra na linha de produção também, mas não tendo experiência nenhuma, atrapalha mais do que ajuda.

Malu e Chica bebem e dançam animadas no bloco até que um sujeito fantasiado de Jimi Hendrix passa com um cigarro na mão e esbarra no cabelo de Chica. Malu começa a dar tapas em Chica pra apagar a brasa e Jimi a ajuda batendo com sua guitarra de plástico. Chica não entende nada, mas quando percebe o que está acontecendo, entra em desespero. A brasa apaga e Chica passa a mão no cabelo pra ver o tamanho do estrago. Um belo chumaço cai em sua mão. Ela está com o lado esquerdo muito mais curto que o direito. Malu consegue convencer a amiga a não se abalar e sugere que ela faça um side cut (raspar uma pequena

parte lateral do cabelo), Jimi apoia a ideia e ainda diz que mora perto e tem uma máquina de barbear.

Zé e Joaquim fumam o baseado a batem um papo pseudo-filosófico.

Chica e Malu vão para a casa de Jimi e fazem o corte radical no cabelo de Chica, que no fim das contas acaba adorando a ideia.

Joaquim e Zé ainda estão sentados no mesmo banco. Joaquim está passando mal, falando absurdos, e Zé tenta acalmá-lo, mesmo achando a situação hilária.

*Terça: A magia e os perrengues de Paquetá*

Fantasia: Joaquim – Saia colorida e uma coroa de flores

Zé – Tecido de bolinhas amarrado na cintura e purpurina pelo corpo.

Chica – Gueixa

Malu – Samurai

Chica e Malu correm de um lado para o outro enquanto se arrumam. Como sempre, estão atrasadas para pegar a barca para Paquetá. Além de tudo, a fantasia de Malu não está cumprindo seu papel principal de esconder quem ela é, o que faz com que as amigas percam ainda mais tempo mirabolando formas de melhorá-la.

Enfim prontas, elas correm pela Praça XV até a estação das barcas. A fila pra entrar é caótica e por alguns instantes elas acham que não vão conseguir embarcar com os outros foliões. Por um milagre divino, as catracas são liberadas e elas conseguem.

Na barca estão Joaquim e Zé. Joaquim está apagado dormindo em um banco, sentado todo torto. Zé, pilhado como sempre, vê as meninas entrando na barca e vai conversar com elas. Ele explica que apesar de todas as coisas estranhas que seu primo fez, ele é um cara bem legal. Diz ainda pra Chica que ela deve dar uma chance pra ele, afinal, ela já fez isso uma vez. Zé então conta que o menino que ela ficou no baile de sexta era Joaquim. Chica fica em estado de choque, Malu a zoa dizendo que é carma.

A barca chega em Paquetá e todos descem. Zé conta para Joaquim que sua Oncinha também está pela ilha. Joaquim, que já estava quase desistindo de sua missão, decide que vai deixar rolar – se acontecer algo com ela, ótimo; caso não, bom também. Eles decidem tomar uma cerveja e ir em busca do bloco.

O bloco está cheio. Muitas pessoas se espremem pelas ruazinhas de Paquetá. Confetes e serpentinas são jogados por todos os lados. Zé beija um menino fantasiado de Homem-Aranha que está pendurado de cabeça pra baixo em uma árvore. Joaquim faz xixi na beira da praia admirando a paisagem, olhando pro mar, bem próximo a água. Chica e Malu se

escondem de João Pedro, o ex de Malu, atrás do leque gigante que compõe a fantasia de Chica. Zé beija a Espanhola. Joaquim dança com uma criança fofa. Imagens do Sol se pondo.

A noite chega e a mesma correria pra pegar a barca de ida para Paquetá, se repete na volta para o Rio. Dessa vez, Joaquim e Zé é que estão atrasados. Eles correm muito e decidem pegar um tuk tuk para chegar mais rápido. Faltam só 3 minutos pra barca sair. O desespero é geral, mas todos levam no bom humor. Assim que pisam na estação, a barca sai. Já era.

Os meninos decidem esperar em um bar até a próxima barca, há ainda muitos outros foliões que ficaram pra trás e de madrugada tem o melhor bloco do Carnaval, eles não podem perder o ritmo. Mas, antes que eles consigam sequer sair da estação, uma mulher dá um tapa e Joaquim. Ela diz que é um absurdo ele está na folia enquanto sua mulher a espera em Niterói e o procura desesperadamente. A mulher o confunde com um sujeito chamado Manoel. A confusão dura um tempo até que ela recebe uma ligação de sua amiga dizendo que encontrou o bendito Manoel. Morta de vergonha, a mulher arruma um jeito de sair de fininho da situação.

Enfim chegam no bar e o gerente logo trás uma cerveja e um cardápio. Em seguida, um sujeito pede informação pro gerente. O problema é que os dois são gogos, o diálogo é caótico. Joaquim e Zé tentam ajudar, só pioram, se seguram pra não rir, se concentram na cerveja. Na mesa ao lado, 3 barrigudos discutem sobre a malemolência que os gordinhos têm para dançar. Um levanta e começa a dançar valsa sozinho. O bar é um caos. Joaquim e Zé bebem sem parar, passam a mão no saca-rolha, não querem ver garrafa cheia sobrar. Comem qualquer coisa. Vêem um grupo de pessoas na rua com uma fantasia compartilhada de canoa, todos andam cambaleando, será que vão chegar? Bebem mais.

*Madrugada de terça pra quarta: Não me leve a mal, hoje é carnaval.*

Fantasia: Joaquim – Saia colorida e uma coroa de flores

Zé – Tecido de bolinhas amarrado na cintura e purpurina pelo corpo.

Chica – Colombina, com uma máscara negra cobrindo boa parte do rosto

Malu – Arlequim

Chica coloca sua máscara enquanto caminha, com Malu, em direção ao Largo de São Francisco. Muitos foliões estão lá dançando em êxtase. Sujos, limpos, loucos, sóbrios. O largo está cheio, mas cada um tem espaço suficiente pra andar e dançar. Joaquim e Zé estão lá no meio. Joaquim dança de olhos fechados, está totalmente entregue. Sua alma é oficialmente do carnaval. Diferente do baile de sexta, ele dança no meio de todo mundo sem vergonha nenhuma. Chica olha pra ele. Imagens do momento são mescladas com flashbacks do baile de

sexta. Chica vai até Joaquim. Ele abre os olhos e para de dançar quando ela está bem próxima. Se olham. Se beijam. Sorriem. Chica sai andando e deixa Joaquim pra trás. Ele observa ela ir embora, sem fazer ideia de quem é aquela mascarada. Sorri e volta a dançar. Dessa vez não se preocupa e nem leva a mal, hoje é carnaval.

### **3.5 - Processo de Desenvolvimento do Roteiro**

Após o desenvolvimento do argumento e a estruturação da escaleta, ocorreu enfim a efetiva construção do roteiro. Nesse momento, os diálogos foram acrescentados e as ações, detalhadas. Foi, também, nesse estágio do projeto que as personalidades dos personagens puderam ser de fato explicitadas, e, o caráter cômico da história pode ser trabalhado. Esse processo de desenvolvimento do roteiro ocorreu em diversas fases e sua conclusão tornou-se completa após as etapas descritas mais a frente no capítulo referente à pós-produção.

O roteiro foi construído de forma que as ações dos personagens e suas consequentes reações fossem o mais próximo possível da realidade. O detalhamento das cenas ocorreu com o intuito de aproximar as pequenas histórias de suas versões originais, mesmo sendo interpretadas por personagens fictícios. O tom cômico dessas histórias deu-se pela soma do surrealismo, mesmo que contido, com a quebra de expectativa. Ou seja, o que torna as cenas engraçadas é o fato de não se saber exatamente o que vai acontecer.

Somado a isso, os diálogos também foram trabalhados para acentuar o caráter cômico do roteiro. A forma descontraída, bastante similar a como os jovens se comunicam hoje em dia, foi escolhida não só pela questão citada acima - aproximar a narrativa da realidade - mas também por possibilitar diálogos simples e engraçados. Os diálogos serviram, também, para reforçar as características de cada personagem afastando-os dos estereótipos, como o vocabulário repleto de palavrões de Chica e Malu.

Por fim, outra característica de “Não me leve a mal” é sua extensão. De acordo com os padrões do cinema clássico, o roteiro pode ser considerado curto. No entanto, sua dimensão se deve ao fato de que muitas das cenas ocorrem sem diálogos e demandam mais tempo para serem retratadas filmicamente do que do que temos impressão ao ler. A procura de Zé e Joaquim por cerveja logo no início da história é uma dessas situações, por exemplo. Além disso, mesmo quando há diálogos, eles não são extensos propositalmente. A ideia é que o Carnaval fale por si.

## **4. PÓS-PRODUÇÃO**

Após o roteiro ser escrito, houve a pós-produção - etapa na qual os pormenores da narrativa foram revisados e melhorados quando necessário. Nessa fase do projeto os diálogos e descrições foram refinados, assim como a ortografia foi revisada.

### **4.1 - Refinamento dos Diálogos e Descrições**

Após diversas leituras do roteiro, os diálogos e descrições das cenas foram gradativamente sofrendo alterações. Essa etapa foi de extrema importância para que o enredo atingisse o potencial esperado quando a ideia inicial foi concebida. A cada leitura, novos detalhes foram adicionados ou reescritos de forma que o resultado final do roteiro ficou bastante satisfatório.

### **4.2 - Revisão Ortográfica**

Assim como os diálogos e as descrições foram relidas diversas vezes e reanalisadas, a ortografia sofreu uma minuciosa revisão para que nenhum erro gramatical pudesse interferir na compreensão da narrativa desenvolvida.

### **4.3 - Perspectiva de Realização**

O filme pretende ser realizado no próximo Carnaval e pré-Carnaval. Muitos amigos que compartilharam suas histórias para a construção do roteiro demonstraram-se bastante empolgados com a ideia de transformá-lo de fato em um longa-metragem. Além dos próprios colaboradores, diversas pessoas se interessaram em colocar a ideia em prática ao ouvir sobre o projeto. Muitas dessas pessoas já estão inseridas no mercado audiovisual, o que facilitaria a produção da obra. Ou seja, há pessoas dispostas a tornar o roteiro em um filme real, mesmo que seja no esquema cinema de guerrilha, que de certa forma, combina muito mais com o espírito do Carnaval.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do roteiro “Não me leve a mal” foi de suma importância para a trajetória da aluna não só acadêmica, mas também pessoal. A escolha por escrever um roteiro como trabalho de conclusão de curso foi bastante arriscada, mas extremamente gratificante, uma vez que a aluna nunca havia escrito um antes. Todo o esforço e todas as dificuldades encontradas serviram como uma espécie de última lição da ECo. Como resultado, o projeto tornou-se muito mais do que o esperado e fechou da melhor forma possível esse ciclo acadêmico.

Sobretudo, “Não me leve a mal” permitiu que a aluna entrasse ainda mais em contato com uma temática que sempre a despertou interesse: o Carnaval. Sua construção, o que ele representa, além é claro, das Marchinhas, marca registrada da folia carioca, são paixões da aluna, que pode aprofundar seus conhecimentos graças as pesquisas sugeridas pelos orientadores e por sua natural curiosidade.

Por fim, toda a progressão do projeto agregou novos conhecimentos, tanto técnicos quanto culturais a aluna. O aprendizado de técnicas de desenvolvimento de personagens, argumento e do próprio roteiro foram surpreendentemente significativos. Assim como uma nova perspectiva sobre o Carnaval. Desenvolver o roteiro “Não me leve a mal” foi, definitivamente, a melhor escolha que a aluna poderia fazer como seu projeto de conclusão de curso.

## REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Rocco. 1997

DAMATTA, Roberto. *Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco. 1993

TODAS AS MULHERES DO MUNDO. Direção Domingos de Oliveira. Brasil. p&b. 86 min. 1966.

EDU CORAÇÃO DE OURO. Direção Domingos de Oliveira. Brasil. p&b. 85 min. 1968

QUANDO O CARNAVAL CHEGAR. Direção Cacá Diegues. Brasil. cor. 90 min. 1972

A LIRA DO DELÍRIO. Direção Walter Lima Jr. Brasil. cor. 105 min. 1978

ORFEU NEGRO. Direção Marcel Camus. Brasil. França. Itália. cor. 100 min. 1959

SASSARICANDO – E O RIO INVENTOU A MARCHINHA. Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral. Rio de Janeiro. 2007

## ANEXO

## ANEXO A – Lista de Marchinhas

<b>Título</b>	<b>Compositor</b>
Aurora	Mario Lago / Roberto Roberti
Balziquiana	Almir Rouche
Bandeira Branca	Max Nunes / Laércio Alves
Cabeleira do Zezé	João Roberto Kelly / Roberto Faissal
Cadê Zazá?	Roberto Martins / Ary Monteiro
Calma no Brasil	Nássara / Frazão
Chiquita Bacana	João de Barro / Alberto Ribeiro
Clube dos Barrigudos	Haroldo Lobo / Cristóvão de Alencar
Diabo Sem Rabo	Haroldo Lobo / Milton de Oliveira
Mulata Iê-iê-iê	João Roberto Kelly
Eva	Haroldo Lobo
Grau Dez	Lamartine Babo / Ary Barroso
Jardineira	Benedito Lacerda / Humberto Porto
Linda Lourinha	João de Barro
Marcha do Remador	Antonio Almeida / Oldemar Magalhães
Maria Escandalosa	Armando Cavalcanti / Klécio Caldas
	João Roberto Kelly / Don Carlos / Chacrinha /
Maria Sapatão	Leleco
Máscara Negra	Zé Kéti / Hildebrando Matos
Não sou Manoel	Roberto Martins / Wilson Batista
Nós, Os Carecas	Roberto Roberti / Arlindo Marques Jr.
O Teu Cabelo Não Nega	Lamartine Babo / João Valença / Raul Valença
Oito em pé	Haroldo Lobo / Milton de Oliveira
Piada de Salão	Klécio Caldas / Armando Cavalcanti
Pirata da Perna-de-pau	João de Barro
Saca-rolha	Zé da Zilda / Zilda / Valdir Machado
Touradas em Madri	João de Barro / Alberto Ribeiro
Turma do Funil	Mirabeu / Milton de Oliveira / Urgel de Castro
Yes, nós temos banana	João de Barro / Alberto Ribeiro